

CRÍTICA

1. Temístocles Linhares
2. Miguelina Soifer
3. Fábio Lucas
4. Roti N. Turin

Não foi despido de certa vaidade que encontrei meu amigo e companheiro de leitura sobraçando a *Obra Completa* de Carlos Drummond de Andrade e mais a 2a. edição da *Lição de Coisas*, a primeira em papel arroz da Aguilar (Rio, 1964) encadernada a couro e a outra em brochura bem impressa da José Olympio (Rio, 1965).

Sim, não é só o autor que se envaidece de sua posição, do que escreve ou produz (e quantas vezes essa vaidade é justificável!), mas também o leitor dos livros que lê ou relê. Como não justificar êsse sentimento diante de Drummond, por exemplo? Dá até vontade de seguir as pegadas da sabedoria popular e sustentar com ar categórico e conselheiresco: "Diz-me o que lê e te direi quem és."

A verdade, porém, é que há leitores e leitores. Talvez muitas séries dêles. Por que não admitir então a classe dos leitores vaidosos? Vaidosos do que costumam ler, do que lêem e os outros não lêem, não podem ou não sabem ler.

Afinal, o homem que lê certos livros, que sabe digerir o que lê, que seleciona as suas leituras e os seus autores, tem muito de que se envaidecer, de se empavonar, não obstante o velho Matias Aires, que tanto se ocupou da vaidade e suas repercussões na alma e coração dos homens, tivesse se esquecido

dêle. É exato que há a vaidade subalterna dos bibliófilos, dos novos ricos que compram livros em belas edições e nunca os lêem.,

Mas o que importa é que meu amigo e companheiro dessa infindável peregrinação da leitura a que ambos nos vimos entregando desde há tempo estava eufórico, com o seu Drummond debaixo do braço, em atitude bem diferente da de outras vezes, e foi logo me dizendo, sem nenhuma preocupação de esconder o que sentia:

- Se há alguém que mereça belas edições, êsse alguém é Drummond, nosso maior poeta. Também a gente se sente orgulhosa em possuir, em ler a sua obra, ao contrário de tantos outros autores, em quem, do ponto de vista material, pelo menos, forma e conteúdo tanto se distinguem, a despeito de estar hoje superada essa velha dicotomia. Na realidade, ela existe em face de muitos poetas e de seus livros. Quantas belas edições destituídas de conteúdo! Em Drummond, não. Conteúdo e forma se confundem. É poeta que fica bem nas melhores edições.

- Com isso V. está insinuando o aristocratismo, a impopularidade de sua poesia...

- Absolutamente. Se ser popular é ser fácil, leve, superficial, êle realmente é impopular. Nenhum grande poeta nêsse sentido é popular...

- Não considero Drummond poeta difícil.

- Talvez o povo não o julgue muito acessível. Mas isso não é o que conta. Nenhuma arte é fácil.

- Perfeito, embora, no caso de Drummond, não seja admissível falar em hermetismo.

- Mas não é justo esquecer a objetividade de sua obra que, a meu ver, ainda não foi estudada devidamente.

- Apesar de tudo quanto já se escreveu a seu respeito?

- Exato, apesar de tãda a bibliografia existente. O certo é que ainda não se fez estudo ã altura do poeta, sobretudo na parte que se refere às questões de estrutura, de comparação estilística. No capítulo das influências, por exemplo, tão importante no conhecimento dos grandes poetas, o que se fez até agora é bem pouco, forçoso é reconhecer. Quantas riquezas escondidas não encerra o processo drummondiano! É estranho como os apologistas da crítica estrutural, comparatista ou estilística mesmo não tenham ainda explorado êsse filão inesgotável que é a poesia de Drummond.

- Eu citaria a V. um trabalho de Othon Moacyr Garcia, intitulado *Esfinge Clara**.

Provavelmente o único que se fez no gênero e em tôrno apenas de uma particularidade da obra do poeta, a da associação semântica ou jogo verbal chamado de "palavra puxa palavra". Já era tempo, porém, de termos a nossa "Drummondiana".

- Já a temos e é prova disso a enorme quantidade de estudos, artigos e reportagens feitas sôbre o autor e que está arrolada nêste volume da Aguilar.

* Escrito em 1965, este diálogo não podia fazer referência aos livros surgidos depois de Helcio Martins, Gilberto Mendonça Teles, Afonso Romano Santanna, Emanuel de Moraes e outros, que vieram corroborar a idéia da formação de uma Drummondia na preconizada aqui.

- Não a temos à altura da obra comentada. Isso é que quero dizer.

- Nem tanto assim, Muita coisa de válido já se escreveu a-cêrca do poeta e de sua poesia.

- Mas ainda resta a dizer quase tudo. O problema das influências não foi examinado como devia. Mais outro aspecto: as diferenças entre o poeta e o prosador. Eis capítulo bastante interessante que só tem sido visto à luz empírica de certo jôgo de preferências, às vezes idiota, tendente a simplificar a questão. Já vi muita gente preferir o cronista ao poeta.

- Verdadeiro absurdo que, agora, êste volume da Aguilar permite desfazer, creio, facilitando o confronto entre o poeta e o prosador. Eu, contudo, sempre admirei mais o poeta.

- Claro. Não há têrmo de comparação, se bem que o prosador não seja nada desprezível. E até vou mais longe. Êle tem ajudado o poeta. Mesmo porque poesia e prosa não são coisas assim tão inimigas e inconciliáveis. Acho até que todo grande poeta precisa usar a prosa de vez em quando. Esta o tornará mais fluente, mais lógico, mais discursivo.

- Em Drummond - note-se - o prosador suplanta o poeta, se não em qualidade, pelo menos em quantidade. É o que esta edição Aguilar mostra.

- Seja como fôr, a prosa não lhe fez mal algum. Ao contrário. Ainda que o processo real da composição seja misterioso, a emoção criadora só ganha em exercitar-se também na prosa. O núcleo emotivo coerente que se descobre em todo grande artista tanto se manifesta sob a forma de verso ou de prosa, ou melhor necessita tanto de uma forma como de outra. Daí porque

geralmente os grandes poetas sejam também grandes prosadores. Baudelaire, Poe, Eliot, Valery, o nosso Bandeira, etc.

- Eu poderia, todavia, citar exemplos em contrário.

- Mas a regra é essa. E Drummond não foge a ela. É grande prosador, embora V. possa acusá-lo de praticar um sub-gênero, a crônica.

- Não creio, efetivamente, que nêle o cronista fique ou venha a fazer sombra ao poeta. Mas reconheço grandes qualidades no prosador e acho-o às vezes delicioso, nas suas lições de ceticismo principalmente. Há crônicas suas, sou o primeiro a reconhecer, que são verdadeiras obras-primas.

- O que comprova a relatividade dos gêneros...

- Nada disso, pois os gêneros importam muitíssimo. Não vi até hoje nenhum gênio contentar-se com a crônica exclusivamente. Até pelo contrário, quando chega a praticá-la, é como quem sai ou passeia em gozo de férias. A crônica, na verdade, não fez nenhum gênio, o que não impede o reverso da medalha, isto é, de o gênio praticar a crônica por diletantismo ou por necessidade pecuniária, como sucede tantas vezes entre nós.

- Não penso assim. Já podemos ter até a veleidade de produzir alguns gênios na crônica.

- Gênios muito particulares, muito municipais, que desvirtuam a acepção exata da palavra.

- Para falar claro, detesto o gênio, ser raro que às vezes nem o transcurso de um século basta para fazer nascer.

- Literatura de gênios, é claro, não é a nossa, nem o será tão cedo. Mas por que não reconhecer nela o florescimento de algumas figuras representativas?

- É melhor assim, concordo. E dêsse modo mesmo nos aproximamos mais de nosso poeta que tem timbrado, na sua modéstia, em não ser nenhum escritor excepcional. embora o seja. O que é preciso, me parece, é quanto antes tratar de organizar a nossa Drummondiana em bases mais sérias, mais sólidas, no mesmo nível do poeta e do escritor.

- A postos, então, críticos, exegetas e intérpretes de nossa poesia e literatura.

- A postos, sim, porque Drummond é grande poeta brasileiro, digno de maior repercussão intra e extra fronteiras. A sua obra aí está a desafiar a argúcia dessa gente, como afirmação de toda uma experiência extrema, sem excluir o mundo, o "sentimento do mundo", os seus problemas de hoje sobretudo.

- Veja que belo livro é esse *Lição de Coisas*. Quantos ensinamentos colhemos nêle, se bem que não seja sua intenção ensinar nada!

- Ao praticar a desintegração da palavra, como faz aqui tantas vezes, não sei porque os concretistas e os praxistas não procurem reivindicá-lo. A obra do poeta se prestaria a inferências tanto concretistas como praxistas.

- Mas êsse não seria o verdadeiro Drummond.

- Qual seria o verdadeiro? Quais os seus mestres? Quais as suas influências? Até agora, acredito, ninguém se abalançou a dizê-lo de forma convincente.

- O próprio poeta, nêsse livro, oferece algumas indicações em torno de suas impressões vividas, com os respectivos acompanhamentos emotivos, de que surge uma espécie de sentido da qualidade da vida, de sua vida vivida como um todo. É precisa-

mente êsse sentido e ênfase de uma qualidade predominante capaz de penetrar no universo humano que empresta à obra de nosso poeta a universalidade única que Matthew Arnold procurou isolar em sua famosa fórmula da mais alta classe de poesia: "crítica da vida".

- E outro crítico inglês, citando Baulelaire, (Em certos estados da alma a significação profunda da vida se revela no espetáculo, por vulgar que seja, que temos à vista e se converte no símbolo dessa significação"), quis mostrar que quanto maior o poeta ou escritor mais contínua se torna essa faculdade apreensiva da alma, se bem que êle nunca chegue a conclusões sôbre a vida, a não ser a de perceber qualidades nela.

- De acôrdo. E um núcleo emotivo coerente que nasce daí acaba sendo fortalecido por uma espécie de pensamento especulativo, diverso do pensamento do filósofo no seu modo de passar de um a outro objeto particular. Sim, porque o poeta não generaliza, ou antes, a sua generalização não é abstrata.

- Bem. Deixemos nós de generalizações e nos concentremos sôbre o nosso poeta em particular.

- A melhor maneira de fazê-lo - concluia meu amigo - seria organizar a nossa "Drummondiana". A tarefa é urgente. E agora já temos o principal: esta edição básica da Aguilar.